



Colher Urbano: práticas e diálogos de uma horta pedagógica e comunitária na Baixada Fluminense

Harvest Urban: practices and dialogues of a pedagogical and community garden in the Baixada Fluminense

ARRUZZO, Roberta Carvalho¹; CONCEIÇÃO, Danielle Nunes da²; CIDADE, Lorena Dorigo da Silva³; SILVA, Matheus Fortunato da⁴; SILVA, Hanna Otoni Souza da⁵; BRAGA, Gabrielle de Almeida⁶

¹ UFRRJ, robertaarruzzo@ufrj.br ; ² UFRRJ, danikcnunes@gmail.com; ³ UFRRJ, lorenadorigo96@gmail.com; ⁴ UFRRJ, Flubloga@gmail.com; ⁵ UFRRJ, hannah.otoni@gmail.com; ⁶ UFRRJ, gabi.almeida.braga99@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O presente relato tem como seu principal objetivo divulgar o que temos aprendido ao organizarmos, coletivamente, uma pequena horta no campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizado em Nova Iguaçu, desde 2018. No decorrer dos primeiros anos de funcionamento, a proposta da horta foi demonstrando que não seria voltada para demandas alimentares individuais ou coletivas, mas se tornaria um espaço de pesquisa, diálogo e experimentação de práticas agroecológicas e solidárias, que possam servir de inspiração para a construção de projetos semelhantes em outros contextos. Ou seja, a horta se constituiu como um importante espaço pedagógico e de experimentação de futuros possíveis, de possibilidades de pequenas revoluções pessoais e coletivas, através da politização e experimentação prática do semear, plantar e colher.

Palavras-chave: agroecologia; Nova Iguaçu, horta escolar; UFRRJ.

A horta e o território

O presente relato tem como seu principal objetivo divulgar o que temos aprendido ao organizarmos, coletivamente, uma pequena horta no campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizado em Nova Iguaçu, desde 2018. Nossa horta atualmente se organiza no formato de um coletivo independente dentro do campus universitário, chamado *Colher Urbano*. Pensada inicialmente como um espaço de ensino vinculado a uma disciplina, a horta tem se desdobrado em ações de pesquisa, extensão, relações com movimentos sociais, sociabilidade e muitas dimensões que não imaginávamos. A prática cotidiana docente e discente vem se confundindo com a prática da agroecologia, abrindo caminhos para reconhecermos as multiplicidades de aspectos pedagógicos dos atos de plantar, colher, comer e trocar, mesmo em plena região metropolitana de uma cidade da magnitude do Rio de Janeiro, mais precisamente na Baixada Fluminense.

A Baixada Fluminense, localizada nas proximidades do recôncavo da Baía de Guanabara, foi sendo incorporada historicamente como área periférica da cidade do Rio de Janeiro e associada a inúmeras representações negativas, em especial relacionadas a imagens violentas. Muitas têm sido as iniciativas culturais, sociais e mesmo acadêmicas voltadas para desconstruir estes estereótipos. A presença de



campi da UFRRJ em dois municípios desta região, acreditamos, pode contribuir para estes movimentos em diversos aspectos. O que mais nos importa aqui é que, na atualidade, a região onde a universidade está localizada é uma importante área periférica da cidade, assistindo a um público majoritariamente oriundo desta região e de outras partes da periferia metropolitana. Este é um importante aspecto que compõe nosso contexto, tanto da localização da horta como das pessoas que se encontram cotidianamente nela.

Assim, pensamos que estas reflexões aqui apresentadas podem de alguma maneira contribuir para pensarmos as possibilidades de Educação em Agroecologia através da prática e diálogos que temos experienciado numa horta pedagógica, bem como acreditamos que podemos, através das trocas estabelecidas durante o evento, encontrar ainda novas dimensões para nossas práticas.

As múltiplas dimensões de uma horta pedagógica

A proposta de criarmos uma horta no campus da universidade surgia com frequência no fim dos cursos de Geografia Agrária. Em 2018 demos início a essa disciplina já propondo criar uma horta, o que foi muito bem acolhido pelos estudantes. Das aulas, com debates intensos e trabalhos de campo, passamos também ao planejamento e construção da horta que, rapidamente, passou a se relacionar com a Feira da Agricultura Familiar (FAF) do Instituto Multidisciplinar, que também se iniciava no mesmo ano.

Logo no início das atividades de plantio, percebemos que as dinâmicas específicas de cursos de graduação não seriam suficientes para o bom funcionamento da horta e, assim, passamos a nos organizar através do coletivo *Colher Urbano*. No decorrer dos primeiros anos de funcionamento, a proposta da horta foi demonstrando que não seria voltada para demandas alimentares individuais ou coletivas, mas como um espaço de pesquisa, diálogo e experimentação de práticas agroecológicas e solidárias, que possam servir de inspiração para a construção de projetos semelhantes em outros contextos. Ou seja, a horta se constituiu como um importante espaço pedagógico e de experimentação de futuros possíveis, de possibilidades de pequenas revoluções pessoais e coletivas, através da politização e experimentação prática do semear, plantar e colher. Esse aspecto se fortalece ainda mais pelo fato de boa parte dos integrantes do coletivo serem integrantes de um curso de licenciatura em geografia, ou seja, além de estudantes, são futuros professores.

Neste sentido, passamos a perceber diversas dimensões envolvidas na prática dessa pequena horta. Nos próximos parágrafos iremos apontar alguns elementos deste aprendizado coletivo. Estes pontos foram sendo construídos no diálogo entre nós e na realização de uma oficina de escrita criativa realizada em nossa horta em junho de 2023, voltada para a elaboração deste texto.



A primeira dessas dimensões é a do *aprendizado através da ação*, do fazer, e não apenas do falar e ler. Praticar cotidianamente agroecologia tem nos demonstrado como a separação corpo/mente e sociedade/natureza, tão profundamente arraigada nos saberes ocidentais e na ciência, são inibidoras do conhecimento. Aprendemos, com as práticas de trabalhar o solo, semear, cultivar, colher e trocar a aprender com as mãos, pés, braços, estômago... aprendemos inteiros, não separando mente e corpo.

Uma segunda dimensão que surgiu ainda muito inicialmente nesta caminhada foi entender como *a horta é um espaço de debates* e, como certos temas, tem tido uma adesão constante nas nossas abordagens teóricas. Em especial, agroecologia e apoio mútuo (Kropotkin, 2009) são os termos-chave que discutimos em nossos encontros e associamos às nossas práticas. As discussões a respeito da agroecologia representam um importante papel, pois, além de dialogar com diversos saberes, buscam aproveitar e incentivar as sinergias e diversidades dos agrossistemas e a necessidade de construção de sistemas agrícolas e alimentares mais justos e igualitários. (Altieri, 1989).

Como um dos princípios básicos da agroecologia é a valorização da biodiversidade e a diversidade de cultivos, que deve ser apreendida através do estudo de práticas tradicionais camponesas e indígenas, desenvolvidas ao longo de muitos anos de experiência, indicando a importância de trocas e valorização de saberes. É o diálogo com estas práticas que buscamos priorizar em nossa proposta pedagógica e prática, considerando com igual relevância dados oficiais, textos acadêmicos e dados obtidos através da história oral além das trajetórias individuais das agricultoras e agricultores. (Cusicanqui, 2012).

Uma terceira dimensão que consideramos fundamental é *a horta como espaço de sociabilidade e de criação de afetos* entre nós e com muitos outros, a horta como uma comunidade que pode ser inventada e aprendida (bell hooks, 2021) mesmo no espaço acadêmico. O cotidiano da horta nos cria já um importante espaço de sociabilidade mas que tem também se ampliado para o espaço onde realizamos festas, encontros, celebrações, almoços coletivos, etc. Em contexto de pandemia, impedidos que estávamos de acessarmos o espaço da horta no campus, os nossos laços de afeto contribuíram para nos mantermos conectados e politizarmos nossas hortas domésticas. Com o retorno às atividades presenciais, como nos mantivemos muito juntos, nos apoiando, a horta se reorganizou muito rapidamente e passamos a realizar, nos nossos encontros e eventos, espaços para que as pessoas possam expor e comercializar o que tenham interesse, criando uma pequena feira de economias coletivas.

A horta foi se mostrando importante espaço de *experimentação, de trocas e de estímulo à pesquisa*, sendo essa mais uma de suas importantes dimensões. As nossas práticas já resultaram em diversos textos publicados, uma dissertação de mestrado já defendida (inclusive no espaço da horta) e duas monografias em andamento. Interessante ressaltar que, além destas pesquisas serem internas,



também já passamos a constar como “objeto” de algumas pesquisas de outras instituições e grupos. Ao nos relacionarmos, através das trocas de mudas, sementes, comidas, carinhos e dicas práticas, com os agricultores da feira e estudantes, foi se construindo um interesse coletivo em pesquisarmos e divulgarmos a agricultura e as agricultoras e os agricultores que residem e resistem atuando em Nova Iguaçu e nos demais municípios da Baixada Fluminense. Passamos a debater a potência das práticas agrícolas nas periferias da metrópole carioca, a presença intensa de mulheres nestes contextos e a necessidade de divulgação e valorização coletiva destes alimentos comercializados por quem os produz e, posteriormente, para nos aprofundarmos na história de luta pela terra tão forte nesta região.

Neste sentido, a vivência na horta nos encaminhou a dialogarmos com estas práticas de agricultura rural, urbana e periurbana, associadas às feiras de comercialização direta na Baixada Fluminense, buscando destacar sua importância econômica e social, bem como seus significados para quem produz, quem comercializa e quem consome. Somado a isso, torna-se cada vez mais urgente e necessário reconhecer as formas de existência (e de resistência) que caminham no sentido da criatividade, da coletividade, da solidariedade, das horizontalidades, especialmente em momentos de forte crise sanitária, social, política e econômica. (Bernardes, Arruzzo e Monteiro, 2020). Estas formas silenciadas de agricultura, em especial em suas faces urbana e periurbana, na Baixada Fluminense, podem ser vistas como formas de resistir nas cidades. Em muitos casos estas resistências são inventada(s) e/ou ressignificada(s) pelos mesmos sujeitos que enfrentaram os processos de êxodo rural, impulsionados pela de modernização da agricultura.

É importante também destacarmos o diálogo, numa perspectiva teórico-metodológica feminista, com homens e mulheres produtoras, comercializadoras e consumidoras, apresentando os aspectos interseccionais de gênero, classe e raça nas perspectivas da soberania alimentar. Segundo Shiva, “A perspectiva feminista é capaz de ir além das categorias do patriarcado que estruturam o poder o significado na natureza e na sociedade. É mais ampla e profunda porque localiza a produção e o consumo num contexto de regeneração.” (Shiva, 1993, p. 51). O modelo de produção agrícola convencional está fortemente pautado na ciência e tecnologia, constituindo o que Santos (2000) nomeou de agricultura científica globalizada. Esta ciência, por seu turno, está muito mais voltada para dar conta dos imperativos da competitividade e produtividade numa escala de mercado globalizado, do que com a reprodução da própria vida.

A criatividade e a regeneração, próprias às sementes e à vida, tendem a ser dominadas e colonizadas. Para Shiva (1993), esta ciência é reducionista e baseada numa epistemologia ocidental e patriarcal, que deve ser contestada em bases feministas e que se associem a outras noções de natureza. Buscando caminhos para pensar uma geografia preocupada com a regeneração da vida (e não apenas com sua reprodução) optamos por um recorte epistemológico antipatriarcal, não baseado num “agricultor” genérico. (Silva, Arruzzo e Queiroz, 2019).



Por fim, a última dimensão que gostaríamos de ressaltar é o quanto a horta se constituiu um espaço de *articulação e criação de redes*. Além da articulação já mencionada com a Feira da Agricultura Familiar da UFRRJ, novas redes e encontros foram sendo criados, em especial com movimentos sociais e grupos de agroecologia. Neste sentido, mencionamos as relações com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) e diversos coletivos e grupos de pesquisa. Uma destas articulações que tem sido bastante relevante para nós é a composição, como elo, da tecitura da Teia dos Povos no Rio de Janeiro. Esta articulação tem nos ligado, através de encontros, mutirões e ações de apoio mútuo a vários grupos de resistências no Rio de Janeiro.

Pedagogias de plantar e de colher

Buscamos, no presente texto, apontar alguns aspectos de como tem sido a experiência dessa pequena horta no jardim do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O que a horta significa para além de uma horta? Uma busca de emancipação dentro das dificuldades do cotidiano urbano de Nova Iguaçu e das demandas do espaço universitário. Um lugar que cria alternativas, mesmo que sutis, a precarização da vida cotidiana. A horta também tem sido em caminho da gente a se reconectar com a natureza e a história das pessoas da baixada.

Além disso, a experiência nos permite uma mudança de olhar do espaço da Baixada Fluminense e da relação com a terra e com alimentação, inclusive em nossas casas.

Mas temos constantemente nos deparado com um grande desafio: a continuidade do processo, com a participação sempre sazonal das pessoas no espaço da universidade. Embora também já tenhamos percebido a que o coletivo funciona como uma forma de ampliarmos nossas relações, através de uma ação muito simples, mas que se encontra e se soma a muitas outras ações, propostas, coletivos e pessoas que já passaram pelo nosso espaço. Mesmo de forma sazonal e por curto período, percebemos que as pessoas levam também essas ideias para outros lugares.

Agradecimentos

Agradecemos aos diversos grupos e coletivos com quem temos trocado ao longo destes 5 anos de atuação, em especial à Feira da Agricultura Familiar da UFRRJ. Agradecemos também o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRRJ e da Direção do Campus de Nova Iguaçu.



Referências bibliográficas

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

hooks, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

BERNARDES, Júlia Adão; ARRUIZZO, R. ; MONTEIRO, D. M. L. Geografia e covid-19: neoliberalismo, vulnerabilidades e luta pela vida Bernardes. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. p. 32-38, maio 2020.

RIVERA Cusicanqui, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. Pinturas. 80 pp.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo:2000.

SHIVA, Vandana. **Reduccionismo e regeneração: uma crise na ciência**. In: *Ecofeminismo*, Lisboa, 1993.

SILVA, Mariane do Rosário; ARRUIZZO, Roberta Carvalho; QUEIROZ, Edileuza da Silva. Geografia, agroecologia e gênero: diálogos com mulheres agricultoras da Baixada Fluminense. In: Oliveira, Anita Loureiro; Arruzzo, Roberta Carvalho (Org.). **Geografia, cultura, existência e cotidiano**. Nova Iguaçu: Entorno, 2019.